

RECONTADO POR **JULIANA RONCONI**

**WITHOUT YOU  
I AM NOTHING**  
**PLACEBO**

**mojo**  
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

Placebo  
**WITHOUT YOU I'M NOTHING**  
recontado por  
**JULIANA RONCONI**

---

JULHO DE 2008  
VOLUME 69

**MOJO**  
BOOKS

---

placebo

# WITHOUT YOU I'M NOTHING

recontado por  
**JULIANA RONCONI**

---

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**  
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**  
REVISÃO: **DANILO CORCI**  
CAPA DESTA EDIÇÃO: **MOJO FACTORY**



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Pure morning
2. Brick shithouse
3. You don't care about us
4. Ask for answers
5. Without you i'm nothing
6. Allergic (to thoughts of mother Earth)
7. The crawl
8. Every you every me
9. My sweet prince
10. Summer's gone
11. Scared of girls
12. Burger queen

---

## PLACEBO WITHOUT YOU I'M NOTHING

LANÇAMENTO: **1998**  
SELO: **VIRGIN**

---



**WITHOUT YOU I'M NOTHING**

O olhar do senhor Moraes não sabia para onde se dirigir. Procurava não se fixar nos olhos irremediavelmente escancarados da mulher, mas eles o atraíam como um espelho. Narciso, o senhor Moraes se via naquela figura. Pavor, pavor, pavor. As manchas no pescoço dela ficavam cada vez mais roxas, tudo ali parecia grosseiramente pintado por um artista inexperiente: a vermelhidão excessiva da boca, a palidez azulada do rosto, a nua vulgaridade do corpo, o homem imóvel, prensado de encontro à parede por uma força invisível. Ele se manteve em pé no mesmo lugar por longos minutos. Tinha certeza da morte iminente, a morte que viria se ele se movesse um centímetro. Desejava ser capaz de prender a respiração por, pelo menos, alguns instantes, mas isso era impossível; com o coração pulando apavorado do peito para a garganta, da garganta para o peito, ele quase arfava, e orava “Miranda”. Na infância, as madrugadas eram freqüentemente povoadas de medo. Sua mãe o tinha ensinado uma oração que ele repetia sem prestar atenção às palavras, à espreita de qualquer manifestação obscura. Agora, ele só conseguia dizer “Miranda”. Precisava chegar até o telefone, mas estava imobilizado do lado oposto, teria de passar pelo corpo dela. Miranda. O nome quase lhe dava forças para atravessar o quarto. Procurava imaginar,

ela viria, sorria, ela o chamaria de idiota, como sempre. Idiota! Miranda não sorria, ela fazia uma expressão de horror, e algo incerto o trucidaria a qualquer momento, se ele pudesse apenas prender a respiração por alguns instantes a coisa não descobriria, precisava chegar até o telefone. Impossível, sem passar por ela, morta e nua sobre a cama. Viu seu terno pendurado ao lado do telefone. Poderia ser pior, poderia haver sangue. Ele nem tinha se dado ao trabalho de verificar se ela estava mesmo morta. Riu de si mesmo, fingindo. “Ela está morta, o que haveria para temer?” Sua jugular pulsava num ritmo incerto.

Ririam, certamente, se vissem o respeitável Jonas Moraes se arrastando de um lado para o outro do quarto sem desencostar da parede. Mas o artificio foi eficiente: depois de alguns minutos de sufreguidão, tinha chegado ao telefone. Miranda! O nome soava como uma vitória.

Miranda recebeu a notícia com um desânimo. Não tinha entendido bem. Jonas tinha falado com tanta dificuldade, arfando tanto, que ela percebia a emergência sem entender o recado. E correu para lá, naturalmente. Sentiu pena de seu amigo, e uma raiva surda dirigida a alguém incerto. Tratava-se de mais uma mulherzinha, mais uma daquelas mulherzinhas. Era difícil para ela aceitar o fato de que Jonas, que poderia ter na palma da mão todas as mulheres que quisesse — com exceção, talvez, dela própria — precisasse se envolver com... com putas, meu Deus, putas! Todo o dinheiro que Jonas tinha não lhe fazia bem. Todas as suas relações — com exceção da que



envolvia Miranda — eram relações de capital.

Jonas e Miranda eram amigos de infância. Tinham se conhecido no primário. Ele dizia para as outras crianças que eram namorados, mas que ela não sabia disso. Quando soube, ela o achou um idiota. Mas era um idiota bonitinho e maleável. Logo, fez-se de amiga dele e passou a querer ordenar e influenciar suas idéias. Eram da mesma idade, mas Jonas era tão bobinho perto de Miranda que parecia um filhote, um cachorrinho.

Com ele, Miranda sentia-se sempre invadida por uma onda de ternura que não sentia por mais ninguém, nem pelos pais. Tinha ela imensos remorsos, na época. Nove anos e podia jurar que iria para o inferno. Principalmente porque não gostava muito dos pais, achava-os incômodos e esperava com impaciência o dia em que se tornassem desnecessários. Parecia uma eternidade. Jonas tinha dito uma vez: “Não quero crescer nunca, quero ser criança pra sempre. Você não acha bom?” Ela disse que sim, mas não achava. Quando os adultos lhes diziam nostálgicos que aproveitassem, que cresceriam num piscar de olhos, Jonas ficava perturbado. Desejava com fúria fugir para a Terra do Nunca, se é que esse lugar existia. Miranda, pelo contrário, sorria no íntimo. Ela dava a impressão de ser uma fruta, uma fruta carnuda, amadurecida antes do tempo.

Jonas ouviu a campainha tocar. “Como sou estúpido”, pensou. “Agora preciso atravessar a cama outra vez para chegar até a porta”. Mas o pânico de momentos atrás tinha se dissipado como fumaça: Miranda tinha chegado.

A empregada atenderia à porta e ela viria sem se fazer acompanhar até o quarto, sempre tão à vontade. Ele não entendia como ela podia andar tão segura, era grande, quase desajeitada, como ele. Ele sempre se achava demais entre os objetos, precisava de um esforço sobre-humano para não lhes esbarrar e roçar inesperadamente. Tinha uma aversão imensa a esses contatos involuntários; era necessário que os movimentos fossem certos e definitivos para que se fizesse respeitar.

Ouviu batidas na porta e a voz de Miranda, quente, familiar, como um cobertor antigo, e se esqueceu que estava, também ele, nu. Disse a ela que entrasse.

Miranda olhou primeiro para ele, acuado rente à mesinha do telefone, sem roupa. Arqueou as sobrancelhas, condescendente, até reparar no corpo da mulher na cama.

— Meu Deus!

Tinha esse costume de invocar a Deus involuntariamente. Mas nem sabia ao certo se acreditava Nele. Tinha vivido tempos de intensa devoção. Estudara numa escola católica, onde havia uma capela pequena, incrustada num corredor. Dela emergia a luz azulada do sacrário, que era onde se guardavam as hóstias. Vista um pouco de longe, a capela dava a impressão de uma imensa pedra preciosa que reluzia grudada à parede.

Miranda saía das aulas e caminhava até lá com o coração apertado na garganta, a boca seca, como o viciado que busca clandestinamente satisfazer

sua dependência. Sentava-se na saleta e abria bem os olhos para que a luz que vinha do corpo de Cristo penetrasse melhor em suas retinas. Costumava passar dez, quinze minutos ali, pensando. O azulado e o silêncio pesavam no ar e davam ao pequeno espaço uma singularidade de sonho, mas era o resto do mundo que parecia irreal a Miranda, com uma crueldade construída, uma materialidade imposta. Ela via tudo se liquefazer de repente, e só a capela restaria, inteira, na sua sutileza.

Achava tudo em sua vida tão inútil, queria viver de Cristo; e seus pais tornavam tudo tão complicado, queriam que se preocupasse com o que vestia e falava, queriam que usasse máscaras, e ela só desejava que seu amor saísse em golfadas, como de um corte profundo, e envolvesse a todos que cruzassem seu caminho. Miranda era, então, terna e densa. Sentia saudades de Jonas, apesar de estarem na mesma cidade, não estudavam mais juntos. Escrevia-lhe cartas longas durante as aulas, e corria para a frente do sacrário. Refletia. Tudo tão inútil e vago, a não ser o que sentia. Aspirava um cheiro de flores que sua imaginação habilmente criava; “o odor da santidade”, diziam.

Pensou em tornar-se freira. Fez-se amiga de um dos padres, um padre jovem, para pedir-lhe conselhos. Ele lhe falava com satisfação e tal graça que lhe enchia os ouvidos. Até que começou a imaginar o que lhe vinha por baixo das vestes, e se apavorou. Depois, se acostumou. Sentavam-se num banco qualquer, e Miranda ouvia, sorvendo aquele corpo todo coberto com

as pupilas muito dilatadas. Padre Sérgio achava engraçado aquele mulherão infantil, que vinha ouvi-lo com tanta avidez e falar-lhe com tanta confiança. Até que ela resolveu contar. “Não posso ser freira, estou apaixonada por um padre.” Ele, inflexível e sereno, achou melhor que se separassem de uma vez. Ter de evitá-lo fez com que Miranda o desejasse ainda mais, imaginava sempre que metia a língua pela boca do padre, e outras partes do seu corpo sacro também. Sentia nojo de si mesma, chorava diante do sacrário, inspirava desesperadamente e não conseguia mais sentir o cheiro das flores. Desistiu da santidade, renunciou às batinas, apegou-se à Inquisição: Santa Igreja Católica, uma ova! Era uma instituição como outra qualquer, que sustentava indulgências e máscaras tais quais as de sua família. Desde então, a figura de Deus parecia cada vez mais nebulosa e questionável. Mas nunca desaparecera por completo.

— Jonas, você... Ela...

Jonas começou a chorar. Miranda o viu como se tivesse uma ferida aberta no peito, uma gangrena enorme. Amou-o profundamente na sua fragilidade. Colocou maternalmente uma camiseta no amigo, estendeu-lhe uma cueca limpa e um *short*. Jonas se vestia soluçando como uma criança. Miranda teve a certeza de se encontrar em um momento privilegiado, o choro de um homem. Sabia que eles escondem a qualquer custo o fato de que choram. O choro de Jonas era um tesouro que ela saberia guardar como ninguém.

Ela o arrastou do quarto, já vestido, para o quarto de hóspedes, onde, vez ou outra, dormia.

— Vamos dormir aqui. Amanhã a gente pensa em alguma coisa.

Ele estava silencioso como um sonâmbulo. Miranda o deixou debaixo de uma colcha e disse com a maior falsa calma que pôde arranjar:

— Volto já.

Voltou com dois copos de leite morno com chocolate. Estendeu um comprimido a Jonas e tomou outro. O leite deixava nele um bigode marrom claro. Ela sorria, maravilhada, esquecida de que no quarto trancado havia o cadáver de uma prostituta, morta pelo seu amigo de infância. Ela conhecia Jonas tão intimamente que nada poderia surpreendê-la. Aliás, Miranda não se surpreendia com facilidade, a não ser consigo mesma. As coisas, as pessoas, suas ações, tudo tinha um aspecto de ilusão, como se sonhasse sempre. Só tinha certeza do que sentia.

Jonas, a despeito da pílula, não dormiu. Miranda o tinha envolvido com braços e colchas, e ele procurava ficar confortável, mas era impossível. Os olhos arregalados perscrutavam o escuro, esperavam encontrar a qualquer momento uma face horrenda que lhe diria “assassino, agora é a sua vez.” Era como se todo o sangue de Jonas tivesse migrado para a cabeça latejante — sentia-a imensa, rodopiante, ora picada ininterruptamente por agulhas internas, ora pressionada pelas têmporas por uma morsa invisível. Afastou-se com cuidado da beira da cama. Do lado de baixo poderia surgir a figura

que ceifaria sua vida, talvez o demônio estendesse a mão e o puxasse do abraço de Miranda para o fogo eterno, enxofre, choro e ranger de dentes. Jonas tremia e sentia calafrios percorrerem seu corpo. A respiração de Miranda em sua nuca parecia cada vez mais quente. Quis voltar-se para a amiga, mas teve medo de encontrá-la desfigurada, com todos os dentes à mostra num sorriso de escárnio, a foice na mão. Fechou os olhos com força e permaneceu inquieto até que, quase de manhã, adormeceu. Sonhou que voava, auto-suficiente e livre, sobre um desses campos vistos só no cinema. Pousou aos pés de Miranda. Ela parecia dormir — vestida de vermelho, pálida, com um batom escuro demais — como se tivesse sido grosseiramente pintada por um artista inexperiente.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)